

TEMA: A mortalidade na infância

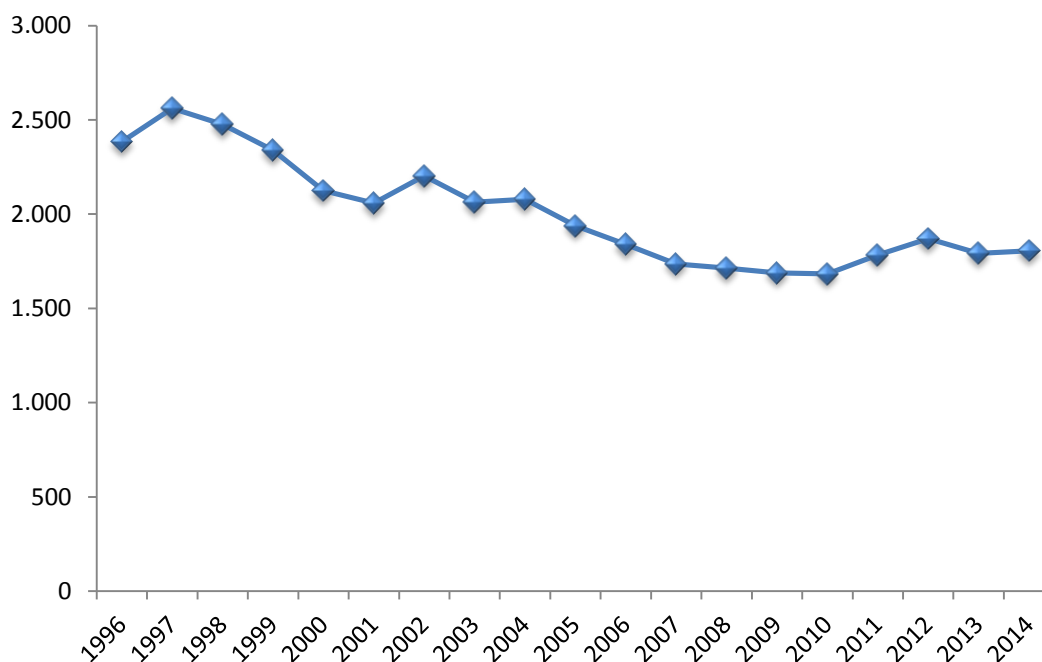
Em recente estudo, o Instituto Mauro Borges de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos/Segplan, apresentou um panorama das causas de morte no estado de Goiás. Tal trabalho não adentrou nos pormenores das mortalidades específicas, mas instigou análises necessárias para a compreensão da realidade goiana. Assim, se valendo do dia das crianças, o presente Informe Técnico vem atender ao chamamento de se aprofundar na questão das mortes na infância, buscando lançar um olhar mais profundo sobre esta parcela da população que carece de atenção especial.

As taxas de mortalidade infantil em Goiás, nas últimas três décadas, mostram substancial avanço, com queda de 53% entre 1991 e 2010. Se no início da década de 1990 morriam 29,5 crianças menores de um ano para cada mil nascidas vivas, em 2010 alcança-se a taxa de 14 mortes para mil (informação dos Censos Demográficos do IBGE). Os dados do Ministério da Saúde para 2014 apontam que continuamos avançando neste importante indicador: nesse ano a taxa de mortalidade infantil ficou em 12,8 por mil crianças nascidas vivas no estado, abaixo do registrado para o Brasil que foi da ordem de 14,4.

A taxa de mortalidade infantil contempla as mortes de crianças com menos de um ano de vida. Este informe discorrerá sobre a morte na infância e, portanto, abarcará o universo daqueles que possuem até 14 anos de idade. Nesse conjunto observa-se também uma tendência decrescente no número de óbitos das crianças goianas, como se pode notar no Gráfico

1.

Gráfico 1. Número de mortes das crianças (0 a 14 anos) em Goiás - 1996 a 2014



Fonte: Ministério da Saúde/Sistema de Informações sobre Mortalidade - SIM, 1996 a 2014
Elaboração: Instituto Mauro Borges de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos – Segplan-
GO/Gerência de Estudos Socioeconômicos e Especiais.

TEMA: A mortalidade na infância

Percebe-se a involução das mortes das crianças desde 1997, com alguns períodos atípicos, observando-se uma reversão da tendência após 2010. Nesse espaço temporal, houve, entre 2004 e 2010, a maior constância na redução dos registros. A partir daí evidencia-se uma ruptura na tendência de queda e passa-se a observar números maiores nos anos seguintes. Contudo, há uma evolução favorável considerando-se o decréscimo de mais de 24% nas mortes de 2014 em comparação às de 1996.

A distribuição das mortes por grupos de idade mostra a concentração na tenra infância. Tanto em 1996 como em 2014, 71% dos falecimentos infantis estão concentrados no grupo dos menores de um ano. Nessa faixa etária a causa de morte mais representativa deriva das afecções originadas no período perinatal, com quase 60% dos casos (ver Tabela 1). Revela-se, dessa maneira, a importância do acompanhamento pré-natal desde o início da gravidez, possibilitando diagnósticos antecipados, o que resultaria em maiores chances de tratamento.

Tabela 1. Número de mortes por causa e grupo etário – Goiás – 2014

Causa de Morte	Menor de 1 ano	1 a 4 anos	5 a 9 anos	10 a 14 anos
Algumas doenças infecciosas e parasitárias	59	23	10	5
Neoplasias (tumores)	6	19	30	19
Doenças do sangue e dos órgãos hematopoéticos e alguns transtornos imunitários	6	3	4	2
Doenças endócrinas nutricionais e metabólicas	19	8	6	1
Transtornos mentais e comportamentais	0	0	0	2
Doenças do sistema nervoso	20	27	17	18
Doenças do aparelho circulatório	12	7	3	5
Doenças do aparelho respiratório	54	15	13	11
Doenças do aparelho digestivo	7	6	2	3
Doenças da pele e do tecido subcutâneo	0	1	1	0
Doenças sistema osteomuscular e tecido conjuntivo	0	1	3	5
Doenças do aparelho geniturinário	3	0	3	1
Gravidez, parto e puerpério	0	0	0	1
Algumas afecções originadas no período perinatal	767	0	0	1
Malformações congênitas, deformidades e anomalias cromossômicas	272	24	7	7
Sintomas, sinais e achados anormais em exames clínicos e de laboratório, não classificados em outra parte	30	5	1	4
Causas externas de morbidade e mortalidade	27	59	40	101
TOTAL	1.282	198	140	186

Fonte: Ministério da Saúde/Sistema de Informações sobre Mortalidade - SIM, 1996 a 2014

Elaboração: Instituto Mauro Borges de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos – Segplan-GO/Gerência de Estudos Socioeconômicos e Especiais.

TEMA: A mortalidade na infância

Nesse sentido, é salutar constatar que mais de 64% das crianças nascidas vivas em Goiás em 2014 tiveram sete ou mais consultas pré-natais e que apenas 4% não foram acompanhadas durante a gravidez (Ministério da Saúde/Datasus/Estatísticas Vitais/2014). Tal fato contribuiu, indubitavelmente, para a redução nas taxas de mortalidade infantil e para o descenso no número das mortes das crianças. Obviamente, não se pode desconsiderar a melhora nas condições socioeconômicas, sanitárias e de imunização que têm evoluído sobremaneira e impactado tanto na queda da mortalidade infantil quanto no aumento da esperança de vida.

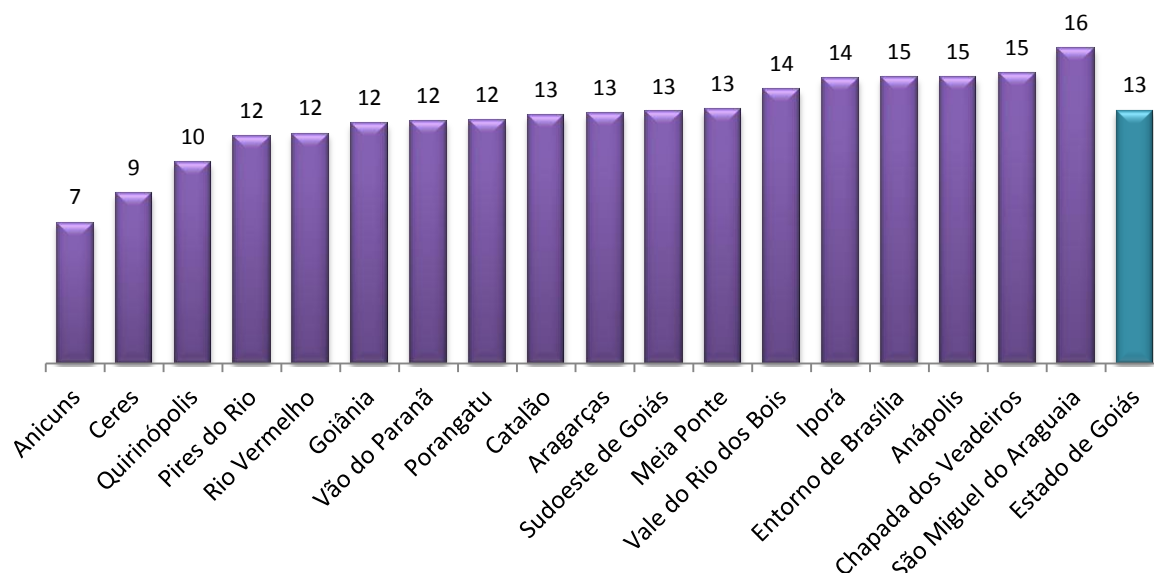
Por outro lado, chama a atenção o percentual de nascimentos por meio do parto cesáreo. Mais de 67% dos recém-nascidos goianos vêm ao mundo por esta modalidade, que é criticada pela Organização Mundial de Saúde – OMS. Esta entidade, pautada em estudos científicos, alertou para uma “epidemia de cesarianas” e que a indicação de tal tipo de nascimento deve ser com o objetivo de salvaguardar a vida da mãe e/ou do nascituro. É preciso ressaltar que o percentual de cesarianas considerado aceitável internacionalmente é de apenas 10%. Números superiores a este podem trazer prejuízos ao pleno desenvolvimento da criança, inclusive com a possibilidade de sequelas permanentes e morte. Foi para seguir a orientação da OMS que o governo brasileiro instituiu em 2016 o Protocolo Clínico de Diretrizes Terapêuticas (PCDT) para Cesariana, visando a parametrizar os casos de indicação nessa modalidade de parto e conseguir, assim, restringir sua prática.

Voltando à Tabela 1, percebe-se que ao avançar na idade há uma drástica diminuição do número de mortes e a prevalência das causas externas como principal motivo dos falecimentos de crianças em Goiás. Entre um e nove anos essas mortes perfazem quase 30% do total nessa faixa etária; dos 10 aos 14 anos congregam mais de 54% dos óbitos nesse grupo. Dentro das causas externas os acidentes de transportes representam 39% das mortes das crianças, em seguida têm-se os afogamentos e submersões acidentais com 16%. Faz-se necessário o alerta de que 15,4% dos falecimentos por causas externas são devido a agressões; além disso, na faixa etária dos 10 aos 14 anos esse percentual representa quase 29%.

A distribuição das taxas de mortalidade infantil pelas microrregiões goianas mostra diferenças regionais consideráveis, com amplitude de nove mortes infantis para mil nascidos vivos (conferir Gráfico 2). A discrepância entre as microrregiões de Anicuns e a de São Miguel do Araguaia revela o quanto pode ser feito para a melhoria do quadro. Neste aspecto, é importante entender as especificidades regionais que ocasionam tal desnível. O que acontece em Anicuns de modo a culminar na reduzida taxa deve ser replicado naquelas regiões que estão em condições desfavoráveis; os fatores que elevam a taxa de São Miguel do Araguaia devem ser conhecidos e combatidos para se construir outra realidade.

TEMA: A mortalidade na infância

Gráfico 2. Taxa de mortalidade infantil por mil nascidos vivos segundo as microrregiões de Goiás - 2014



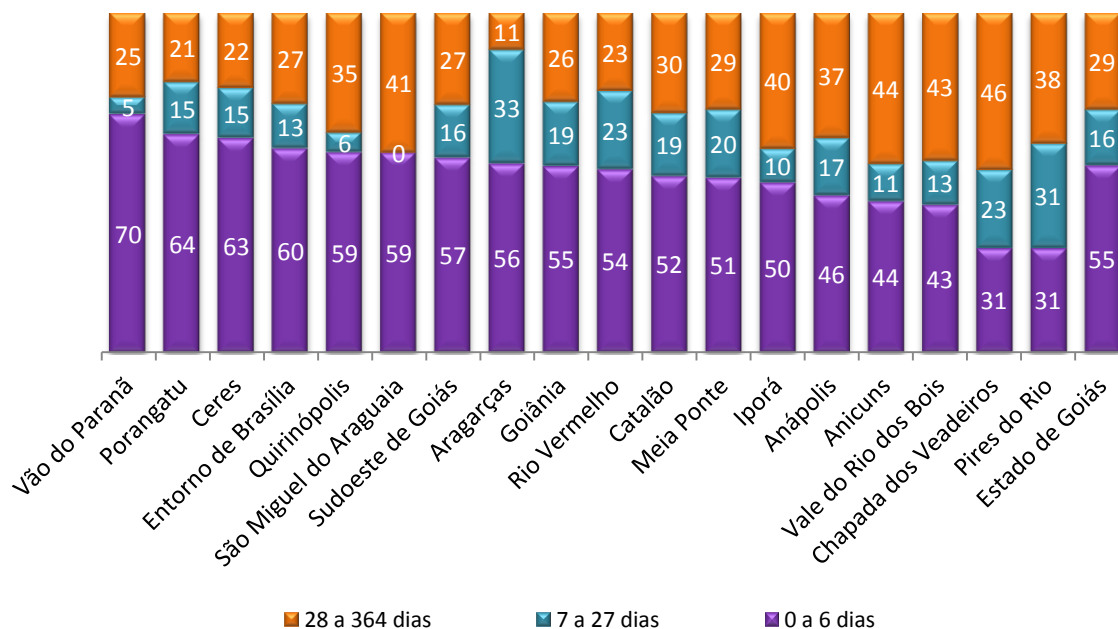
Fonte: Ministério da Saúde/Sistema de Informações sobre Mortalidade - SIM e Estatísticas Vitais, 2014.
Elaboração: Instituto Mauro Borges de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos – Segplan-GO/Gerência de Estudos Socioeconômicos e Especiais.

Do mesmo modo, as discrepâncias regionais nas mortes das crianças de 0 a 1 ano de idade apontam as direções específicas que cada localidade deve seguir. O alto percentual de óbitos no chamado período neonatal precoce (0 a 6 dias) na microrregião Vão do Paranã e a concentração das mortes em crianças com até 28 dias (fases neonatal precoce e tardia) na microrregião Aragarças, demonstram a necessidade de melhoria no acompanhamento pré-natal, no atendimento no parto e na capacidade de receber os recém-nascidos nos seus primeiros dias (Gráfico 3).

Por outro lado, altas concentrações no período pós-neonatal (dos 28 aos 364 dias do nascimento) revelam as influências das condições socioeconômicas, da sujeição aos acidentes, bem como do atendimento médico preventivo. As mortes nessa fase se destacam na microrregião Chapada dos Veadeiros, como o maior percentual dentre as 18 regiões goianas.

TEMA: A mortalidade na infância

Gráfico 3. Percentual das mortes de crianças de 0 a 1 ano por período de nascimento - 2014



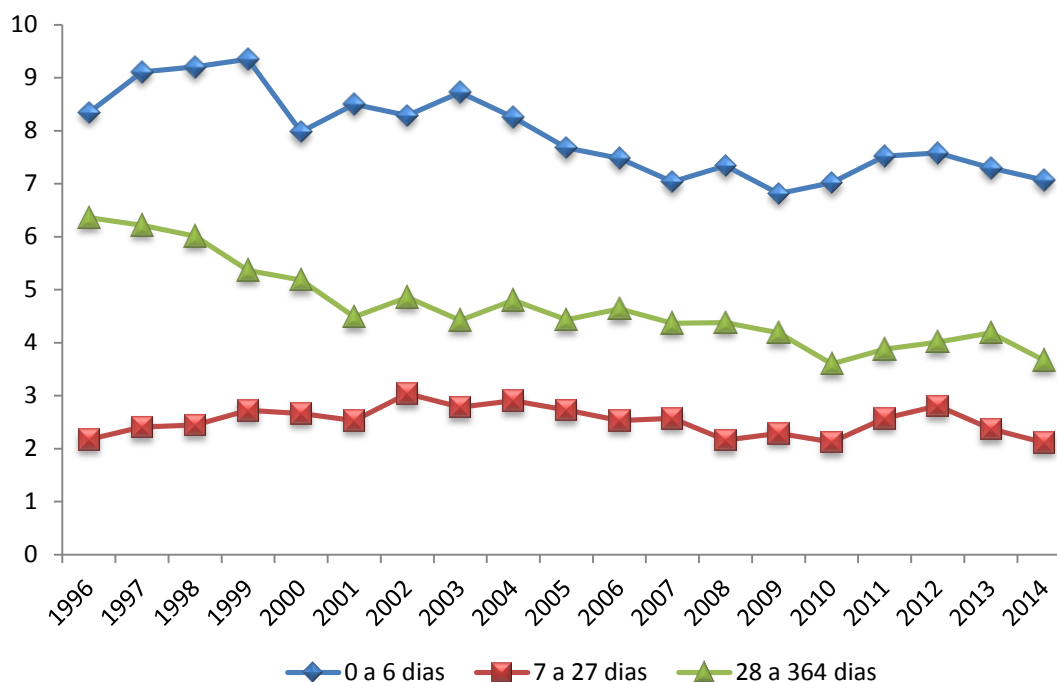
Fonte: Ministério da Saúde/Sistema de Informações sobre Mortalidade - SIM, 2014.

Elaboração: Instituto Mauro Borges de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos – Segplan-GO/Gerência de Estudos Socioeconômicos e Especiais.

Ao se visualizar o Gráfico 4, percebe-se que em Goiás há avanços relevantes nas ações para a diminuição da taxa de mortalidade infantil. No tocante ao período neonatal precoce houve um recuo superior a 15% entre 1996 e 2014; evolução ainda maior foi obtida na fase pós-neonatal, em que se observou redução de mais de 42% no período, saindo de 6,4 mortes para mil nascidos vivos para 3,7. Como nessa última fase é mais sensível ao desenvolvimento socioeconômico, pode-se inferir que os avanços ocorridos no território goiano, conjugados às políticas de atenção básica de saúde resultaram nesse salutar arrefecimento.

TEMA: A mortalidade na infância

Gráfico 4. Evolução da taxa de mortalidade infantil por mil nascidos vivos segundo a fase do nascimento - Goiás - 1996 a 2014



Fonte: Ministério da Saúde/Sistema de Informações sobre Mortalidade - SIM e Estatísticas Vitais, 2014.
Elaboração: Instituto Mauro Borges de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos – Segplan-GO/Gerência de Estudos Socioeconômicos e Especiais.

A despeito da positiva evolução na mortalidade infantil, há que se buscar sempre a redução no número de óbitos de crianças em Goiás. Sabendo-se da concentração das mortes nos primeiros dias de vida é imprescindível o aprimoramento no acompanhamento pré-natal e nas condições do parto em si. A diminuição das diferenças regionais é um desafio que precisa ser encarado, detectando os fatores que colaboram para taxas elevadas e replicando as soluções daquelas localidades com cifras reduzidas.

Tendo isso em vista, é louvável a estipulação da mortalidade infantil como um dos indicadores no programa Goiás Mais Competitivo – iniciativa do governo de Goiás objetivando a melhoria da gestão pública por meio dos indicadores sociais que impactam na qualidade de vida do cidadão goiano. Assim, a meta de reduzir a mortalidade infantil no estado para 10,6 mortes por mil nascidos vivos já em 2018, é um claro indicativo da importância desse tema na pasta de ações do governo estadual.

Além disso, há que se prevenir também os óbitos nas idades mais avançadas da infância. Por estarem concentrados nas causas externas, demandam-se políticas e ações voltadas para a prevenção de acidentes, bem como o combate constante às agressões que levam à morte desses jovens cidadãos. A constante melhoria do quadro de mortalidade na infância valida ainda mais a comemoração do dia das crianças, principalmente pelas

TEMA: A mortalidade na infância

perspectivas de avanços ainda mais significativos com o planejamento e execução de medidas que têm a criança como o centro de prioridade. Espera-se, nesse sentido, que esse Informe Técnico possa contribuir, de alguma maneira, para a efetivação desses ousados objetivos.